

Prefácio

Isabel Cristina Michelan de Azevedo

Nos estudos de filosofia e de linguagem relativos à retórica, tem sido recorrente defini-la como um modo organizado, consistente, coerente de construir um discurso, nas mais distintas formas de manifestação, para agir em situações práticas (EHNINGER, 1968). Esse tipo de discurso, oral ou escrito (ou ainda multimodal), visa a informar, avaliar, convencer ou persuadir, entre outros propósitos comunicativos, por isso pode ser chamado de sistema. Essa concepção é assumida nesta obra intitulada “Sistema retórico: *inventio*”, uma vez que os dezoito trabalhos aqui reunidos recobrem: como a noção da *inventio* foi sendo adotada em diferentes momentos históricos; a pertinência desse conceito em produções discursivas em circulação nas diferentes mídias (impressa, fílmica, sonora, digital); os distintos meios pelos quais a *inventio* pode colaborar com a promoção do alcance de certos propósitos retóricos e argumentativos.

O sistema retórico é, em síntese, um sistema de comunicação que cria interdependência simbólica entre os sujeitos sociais e um sistema constituído coletivamente, mas que é marcado pelo lugar e pelo período em que é configurado, conforme as situações de uso da linguagem em cada sociedade, ou seja, de acordo com a situação retórica (BITZER, 1968). Nesse sentido, ao observar os variados fenômenos comunicativos, os sujeitos que produzem discursos e, sobretudo, os estudiosos e analistas da linguagem precisam mobilizar conceitos e categorias que são variados, multifacetados e continuamente afetados pelas dinâmicas sociais a fim de fazer uso ou descrever e interpretar o esquema que fundamenta as práticas de linguagem (BECKER, 1999).

Diante disso, cada vez mais são necessárias publicações que considerem as teorias e os sistemas retóricos organizados ao longo do tempo, bem como as novas explicações que consideram as complexas redes de interação que se fazem presentes na contemporaneidade tanto no âmbito linguístico-discursivo quanto literário. Por partir do sistema retórico organizado no Ocidente desde as reflexões concebidas na Antiguidade Grega, os autores, cujas publicações estão sendo oferecidas aos leitores, mostram-se alinhados à concepção de que a retórica explicita quem é o homem enquanto ser concreto e ainda nos oferece recursos para interpretar seu modo de ser e de se expressar em sociedade – tal como destacou Heidegger no

curso universitário realizado em 1924¹–, por isso esta obra se torna particularmente relevante para aqueles que estão dedicados aos estudos retóricos em diferentes níveis formativos.

No sistema retórico, então, o eu, o outro e o mundo se articulam, uma vez que “[...] essas três dimensões se encontram no universo social e até mesmo o definem [...]” (MEYER, 2005, p. 127)². Consequentemente, a alteridade se torna um eixo central para que possamos entender como um orador se interroga sobre o mundo, como antecipa a visão do outro acerca de fatos e eventos compartilhados, como avalia as possibilidades de acordo, como seleciona os procedimentos argumentativos que podem estar mais adequados a cada situação retórica e como cria o “caminho” que será oferecido ao outro pelo discurso.

Assim, é possível entender que “a retórica é o encontro entre os homens e a linguagem na exposição das suas diferenças e das suas identidades. Nela eles afirmam-se para se reencontrarem ou repudiarem [...]” (MEYER, 1994, p. 41). Trata-se, portanto, de um momento de comunhão ou ainda um momento em que é constatado “o muro que os separa [...]” (MEYER, 1994, p. 41), isso faz com que a relação retórica seja uma oportunidade para haver a avaliação da distância social, psicológica e intelectual que se coloca entre os participantes dessa relação comunicativa.

Nesse confronto de diferenças e identidades, as palavras mobilizadas em cada contexto se articulam em jogos de linguagem³ que se associam à multiplicidade de seus usos. Apesar dessa dinamicidade, cada uso obedece a regras, como todo jogo, que precisam ser compartilhadas a fim de que as relações discursivas, as possíveis combinações entre conceitos e ideias, os modos de interpretar a realidade possam acontecer.

Considera-se aqui que a retórica é um tipo particular de jogo de linguagem, que se organiza em um sistema, cujas técnicas respeitam regularidades que podem ser descritas quando se observa uma ação retórica, embora seja afetado pelas concepções instituídas nos períodos históricos. Com Ehninger (1968), identificam-se três períodos que contribuíram para compor as características essenciais desse sistema: o período clássico, o período que tem bases no Renascimento e se estende ao final do século XVIII e o período que tem início da década de 1920 e se expande até os dias atuais. Para explicar cada um desses períodos, são consi-

1 Heidegger no curso intitulado “Conceitos fundamentais da filosofia aristotélica”, apresenta uma visão de retórica que subverte o pensamento daqueles que reconhece apenas como uma disciplina que serve à orientação do orador quando intenta influenciar os demais a fim de fazê-los aceitar uma determinada ideia e estabelece um estatuto ontológico-existencial para a retórica (MEYER, 2013).

2 No original: “Ces trois dimensions se retrouvent dans l’univers social et même le définissent”.

3 Para Wittgenstein, o emprego de uma palavra em determinado contexto indica que isso ocorre de acordo com as especificidades situacionais e conforme as exigências próprias dos momentos de uso, por isso é preciso se considerar o lugar de cada uma delas no movimento empreendido entre os integrantes de uma relação comunicativa, o que corresponderia a um “jogo de linguagem”. Em síntese: “o termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (WITTGENSTEIN, 1975, p. 22).

deradas as tendências e ênfases dominantes, apesar da diversidade de materiais que podem ser encontrados em dada um deles. Trata-se de uma proposição que se apoia em uma construção complexa, que envolve um delicado equilíbrio entre elementos éticos, estéticos, semânticos e pragmáticos.

O sistema retórico conformado no período clássico surgiu de um duplo problema ou necessidade. Em primeiro lugar, destaca-se a consolidação de uma prática de linguagem cujos modos de expressão ganharam relevância depois que dois tiranos sicilianos, Gélon e Hierão, foram destronados, por volta de 467 a.C., e passou a ser preciso recompor a ordem social por meio da instauração de processos que seriam analisados por juízes populares. Estes eram responsáveis por avaliar o discurso oral dos cidadãos que se colocavam em defesa dos direitos suprimidos anteriormente a partir da apresentação das razões de uns frente as de outros.

Empédocles de Agrigento, Córax e Tísias foram os primeiros a se ocupar do método e das regras da prática retórica, segundo se sabe (BARTHES, 1975; PLEBE, 1978), e se dedicaram ao segundo problema/necessidade: o ensino da retórica. Esses três sicilianos reconheceram que a comunicação oral pautada no verossímil era necessária na vida cotidiana e promoveram um tipo de estudo que se ocupava das técnicas relativas a uma atividade discursiva assumida como instrumento de participação social. Rapidamente, após as guerras médicas, esse tipo de ensino chegou a Ática, onde foi ampliado pelos sofistas e, depois, teorizado por Aristóteles. “Porque a habilidade de falar tinha que ser transmitida às massas, a retórica foi escrita com vista à prescrição facilitada e enfatizava o desenvolvimento de procedimentos e rotinas mecânicos [...]” (EHNINGER, 1968, p. 133, tradução nossa). Ainda é preciso lembrar que pelo fato de a fala ser considerada uma arte refinada e, ao mesmo tempo, uma ferramenta prática, “a retórica assumiu dimensões estéticas e pragmáticas”⁴ (EHNINGER, 1968, p. 133, tradução nossa).

Observa-se, então, que a consolidação da arte da persuasão tem propriedades que distinguem o sistema retórico de outros modos de organizar a linguagem e orientam o sujeito que toma a palavra a entender o delineamento das partes de um certo modo de usar a linguagem oral e as combinações possíveis entre as partes do discurso, constituindo uma sintaxe de um certo ato de fala. Assim, foram definidas, metodologicamente, uma lógica, uma gramática e uma poética apropriadas à produção discursiva consubstanciada pela política e ética (EHNINGER, 1968), e, desde então, são estudadas as partes funcionais que organizam o discurso retórico.

Entre as partes que constituem uma construção retórica, a *inventio*, reconhecida tanto como o inventário de procedimentos argumentativos direcionados à persuasão e/ou ao convencimento quanto como o exercício criativo de uma composição

4 No original: “Because skill in speaking had to be imparted to the masses rhetoric was written with an eye to easy prescription and stressed the development of mechanical or ‘artificial’ procedures and routines. Because speaking was regarded as a fine art as well as a practical tool, rhetoric was given both aesthetic and pragmatic dimensions (EHNINGER, 1968, p. 133).

argumentativa (*via argumentorum*), tem sido sistematicamente revisitada (LAUER, 2004; SIMONSON, 2014).

Apesar de haver controvérsias, isso pode ser justificado pelo fato de a *inventio* ser uma atividade intelectual que constrói linhas de reflexão com base no exame dos assuntos e na busca de referências possíveis em uma determinada cultura a fim de articular o discurso a propósitos argumentativos; ser uma estratégia inventiva que dá o tom das reflexões organizadas em um discurso retórico, com base na relação proposta entre os problemas nomeados no discurso e das teses defendidas com as escolhas praticadas; ser um tipo de ação pela linguagem que colabora com o engendramento de novos conhecimentos e julgamentos compartilhados em diferentes campos, concretizando assim uma epistemologia da *inventio* (LAUER, 2004).

Para os leitores interessados em conhecer e aprofundar a concepção clássica da *inventio*, para que seja possível compreender como a tradição retórica pode ser revistada e, inclusive, ressignificada três textos são recomendados. O capítulo intitulado “Para uma Teoria não Sistemática da Invenção - dos *topoi estasis* até aos Media e à Criatividade”, produzido pelo professor Samuel Mateus, parte dos cânones retóricos e indica que é possível retomar as características da comunicação persuasiva de base inventiva quando se procura englobar ideias múltiplas, assuntos diversos, juízos prováveis e a exploração negociada em discursos relativos a uma dada realidade, para que se tenha uma alternativa para agir argumentativamente e produzir juízos críticos. Assim, o autor retoma como o sistema retórico se constituiu ao longo da tradição retórica, considerando o caminho da invenção de tipo topológica e relativa a *stasis*, para apresentar ao público uma proposta original, não-sistemática e ametódica da invenção, considerando, sobretudo, as necessidades do século XXI.

O capítulo “*Via argumentorum*: notas sobre a importância da *inventio*”, de autoria de Helcira Lima, acrescenta um interesse especial pelo movimento hermenêutico que os estudos retóricos oferecem. Para tanto, recupera o tratamento que a *inventio* recebeu como um meio para se promover persuasão, ou seja, uma caminhada reflexiva e discursiva (*via argumentorum*), desde o tratamento dados pelos filósofos gregos na Antiguidade, para ressaltar que a importância das relações interdiscursivas na composição dos discursos. Neste capítulo, então, o leitor pode compreender como as atividades intelectivas de buscar, interpretar e julgar, mobilizadas para exercer influência sobre o outro, estão presentes nos variados gêneros do discurso. Destaca-se ainda que, na contemporaneidade, o sujeito não é soberano, tampouco é plenamente autônomo, por isso é imprescindível observar os valores em jogo no discurso retórico, uma vez que são constitutivos de um processo interpretativo.

Para quem se interessar especificamente por um gênero, sugere-se a leitura do texto de Éber José dos Santos e Joelma Batista dos Santos Ribeiro, “Do gênero laudatório aos lugares-comuns de Quintiliano na correspondência entre Sêneca e Paulo: minúcias da invenção retórica”, pois nele é possível acompanhar como

as ideias de Quintiliano e Sêneca estão sintetizadas nas cartas apócrifas trocadas entre Sêneca e Paulo nas primeiras décadas da era cristã. Por meio da análise das minúcias da invenção retórica, os autores destacam algumas confluências entre o Estoicismo e o Cristianismo, indicando que as operações de selecionar, inventariar e qualificar as ideias no discurso, próprios da *inventio*, podem ser tomadas como imprescindíveis para a persuasão. A partir da obra de Quintiliano, destacam-se no capítulo os quatro fatores relativos ao lugar da pessoa, para que se observe como uma comunicação íntima possibilita tanto enfatizar o modo de ser e de pensar do orador Paulo de Tarso quanto distinguir os valores de cada corrente filosófica por meio do modo como Paulo se refere à condição social, à ocupação profissional e à educação do cônsul Sêneca.

Nesse trabalho, confirma-se que os retóricos latinos dedicaram particular atenção à arte da invenção. Embora o ensino da retórica tenha se mantido durante todo o Império Romano, e mesmo após seu declínio, pouco a pouco a retórica deixou de fazer parte das esferas públicas e administrativas e tornou-se restrita aos ambientes ligados à Igreja, que reconhecia seu valor diante da discussão de questões polêmicas, relacionadas à defesa da nova fé, e que a adotava como recurso imprescindível na interpretação dos textos bíblicos, tomados como profundamente retóricos em função da composição apoiada em metáforas, alegorias, jogos de palavras, antíteses e argumentações. Três capítulos desta obra tematizam esse período da história por meio da análise da *inventio* a partir do romance *O Nome da Rosa* e recuperam de alguma maneira o ambiente de introspecção e conflitos teóricos observados durante a Idade Média.

Em “*Inventio* em *O Nome da Rosa*”, Ana Lúcia Magalhães se dedica a investigar as relações entre as provas retóricas e a constituição da *inventio* na construção das personagens, por isso retomaa visão de retórica elaborada desde Aristóteles, repassa as ideias de Cícero e Quintiliano, além de recuperar a leitura promovida por Barthes, Reboul e Ferreira. A autora assume que o romance escrito por Umberto Eco é um compilado de *inventio*, pois, ao procurar se dirigir a todos, apoia-se em situações verossímeis, em assuntos pertinentes à época retratada, em um tipo de trama reconhecida no século XX (romance policial) a fim de caracterizar personagens representativos de uma época e lugar. Ou seja: os lugares (de ordem, da qualidade, da quantidade, do preferível e da essência), recuperados pela narrativa, indicam que os conflitos dentro da Igreja Católica medieval se associam a preceitos religiosos de uma época e à perversidade humana, o que se atualiza historicamente.

Ao tratar dessa mesma obra literária, Andréia Honório da Cunha, em “Retórica, semiótica e *inventio* em *O Nome da Rosa*: labirinto, rosa, desenho e desígnio do criador”, estabelece uma relação entre os estudos da retórica e semiótica greimasiana para possibilitar entender como esse romance fortalece o enlace emocional e cultural por meio de metáforas e de jogos linguísticos caracterizados pelas semioses selecionadas. A modalização das personagens é o aspecto escolhido para discutir

a tensão da narrativa e o modo como a *inventio* serve para gerar posicionamentos discursivos.

Cláudia B. Abuchaim, no capítulo “A *inventio* do passado: o pós-escrito a *O Nome da Rosa*”, explora o pós-escrito, relativo ao romance conhecido mundialmente, a fim de explorar como a *inventio* é parte integrante do enredo e do processo argumentativo presente nessa obra elaborada após um período de interação pública entre o autor e seus leitores. A autora indica como uma obra que partiu das questões apresentadas ao autor diante do grande impacto do romance mundo afora serviu para incitar novos debates suscitados por uma configuração apoiada em um mosaico intertextual.

O tema do riso, que permeia a narrativa de Eco, também é tematizada por Ana Crisistina Carmelino e Luiz Antonio Ferreira no capítulo “A *inventio* e o riso na Idade Média”. Os autores retomam as diferenças entre o ato de rir, o risível e a risibilidade, em perspectiva argumentativa, para permitir ao leitor entender que são formas de expressão de estados mentais e da *doxa* sobre o agir humano. Também explicam que os motivos que diferenciam as circunstâncias e os propósitos interacionais apontam como os sujeitos sociais são afetados pelos condicionamentos e pelas distintas relações pessoais e discursivas. Ao tratar especificamente do riso na sociedade medieval, Carmelino e Ferreira associam o riso e o risível ao inventário que se consolidou ao longo de muitos séculos e em variados documentos. Trata-se de um estudo precioso que pode servir a diferentes públicos, por isso merece uma leitura atenciosa.

As bases do sistema retórico grego permaneceram produtivas ao longo de dez séculos e provocaram reconfigurações no Renascimento (MEYER, 2013). No entanto, é apenas no Iluminismo que o antigo sonho da retórica gorgiana de não se limitar a prescrever o andamento das discussões com vistas a construir “uma técnica geradora de conceitos” é recuperado (PLEBE, 1992, p. 39). Também é nesse período que as reflexões dos filósofos ingleses, como George Campbell com a obra *Philosophy of Rhetoric*, publicada em 1776, contribuíram com a formação de uma abordagem psicológica do sistema retórico. Nessa mudança de perspectiva, a recepção dos discursos retóricos é ressaltada e uma nova doutrina da *inventio* é concebida como um tipo de enquadramento das antigas provas retóricas (EHNINGER, 1968).

Para compreender os impactos dessa mudança de perspectiva, recomenda-se a leitura da análise empreendida no capítulo “Memória e *inventio* em Chapeuzinho Vermelho nas recriações de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm”, de Márcia Pituba e Tatiana Pessoa. Nela, o leitor acompanha a associação da *inventio* à memória e às provas retóricas na composição de explicações para as recriações de um mesmo enredo pelos Irmãos Grimm e por Perrault. Nesse trabalho é analisado o uso consciente de símbolos na organização de uma boa comunicação, o uso de estratégias argumentativas (*logos*) na ação persuasiva e como a memória é recuperada na adequação dos textos a diferentes públicos.

O aprofundamento desse tipo de abordagem do sistema retórico, reforçado pelo empenho por “modernizar” a invenção (SIMONSON, 2014), sobretudo nos Estados Unidos a partir de 1920, permitiu tornar esse sistema mais social ou sociológico, por isso a retórica contemporânea se tornou mais complexa e abrangente. Nesse terceiro período de mudanças significativas no sistema retórico, a *inventio* passou a ser tomada como um processo de descoberta derivado das diversas e especializadas vertentes próprias de cada área de conhecimento, o que estimulou o desenvolvimento de heurísticas e epistemologias.

A variedade de interesses tem motivado a diversificação de análises da linguagem e de outros sistemas simbólicos, tal como se observa nos outros dez capítulos que compõem esta obra. Três deles continuam tratando do discurso retórico literário – o produzido por João Hilton Sayeg-Siqueira (“Recolha, escolha, eficácia: o *ethos* da *inventio*”), o escrito por Antonio M. Conceição e Mariane B. dos Santos (“A Lascívia da Pobreza: entre a luxúria e a fome, a *inventio* no poema ‘A lenda da Prostituta Evelyn Roe’”) e o de Aidil Soares Navarro (“Caminhos da *Inventio*: cenários proibitivos e cerceamento da liberdade em *O nome da rosa*, de Umberto Eco, e na letra de canção *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré”) –, mas cada um explora um viés específico. Isso promove uma retomada e uma ampliação dos temas discutidos nos trabalhos anteriores e convida o leitor a refletir acerca de temas pertinentes à história vigente, como a perpetuação da imagem feminina ligada à luxúria e ao pecado e as formas de cerceamento de liberdade em diferentes épocas.

Em continuidade, outros três capítulos abordam temas políticos, e as reflexões oferecidas por Acir de M. Gomes e Silvia S. da Costa (“Petição inicial: a *inventio* vigiada”), acerca de um instrumento jurídico que busca obter um direito por parte de uma ré a partir de uma prestação jurisdicional; por Sorhaya Chediak e Thalyta K. C. Chediak (“Ecos da separação Norte e Nordeste”) em torno do discurso de separação do Brasil em duas regiões; por Sueli C. Marquesi e Andréa P. S. Aguiar (“Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito: *inventio*, argumentação e plano de texto em foco”) corroboram o entendimento de que a invenção permite compreender como as crenças, os valores e os complexos saberes e interesses orientam o modo como os cidadãos têm se portado nas mídias e em redes sociais, além proporcionar prospectar os meios que podem ser implementados quando querem lutar por direitos na sociedade contemporânea brasileira.

Os três capítulos que exploraram como a *inventio* pode influenciar o pensamento e/ou o comportamento dos sujeitos analisaram: as “guerras” midiáticas (discussão proposta por Claudiana dos Santos, Marcia Regina Curado Pereira Mariano e Neilton Falcão de Melo em “A mídia e o alto valor das guerras: as vidas que importam”), o papel dos influenciadores digitais (reflexão de Maytê Carvalho em “Estratégias Persuasivas de Influenciadores Digitais no Exercício da *Inventio*”) e o impacto das emoções na constituição da invenção (Kathrine Butieri em “Quando a emoção invade a *inventio* e influencia o nosso ato retórico”). Vê-se que a diversidade é a

marca desse conjunto de trabalhos e que o viés pragmático tem direcionado a resolução de problemas sociais, por isso até mesmo as emoções podem estar a serviço das lutas políticas.

Ao considerar que as novas tendências em retórica solicitam novas arquitetônicas textuais e da própria *inventio*, o leitor pode se interessar por ler o estudo de Elionai dos S. Piovezan e de Roberta M. S. Piovezan (em “Autoria e *inventio* em textos multissemióticos”) que se preocuparam com a autoria e a criatividade diante da variedade de produções discursivas nas sociedades contemporâneas. Esse trabalho também se destaca por estar vinculado a uma frente pedagógica que tem sido impactada pelas contínuas transformações das práticas sociais nos meios digitais.

As ideias promovidas por esses textos mostram que os estudos de invenção possuem uma larga tradição, mas isso não impossibilita haver movimentos em direções variadas. A três fases de organização do sistema retórico – na antiguidade período greco-romano, após o Renascimento e no início do século XX – registram que os movimentos modernizadores da *inventio* se concretizam devido a rupturas na tradição dos estudos retóricos, a mudanças na compreensão da realidade, cultural e historicamente marcada, a alianças de pesquisa, por exemplo. Cada um desses impulsos tem assegurado novos meios para a composição e interpretação dos discursos (orais, escritos e multissemióticos), novas heurísticas que realocam a invenção, novas perspectivas sociológicas de tratamento das expressões culturais, novos modos de produção de conhecimentos, de artefatos simbólicos etc., por isso as possibilidades de investigações são multiplicadas continuamente.

Com Simonson (2014), assume-se que, embora a história intelectual do pensamento tenha gerado inventários bastante distintos ao longo dos séculos, há articulação entre os impulsos vinculados à teoria da invenção, o que é facilmente percebido pela abundância de temas selecionados para compor esta obra: em todos os textos a recuperação do sistema retórico clássico é requisitado para que novas interpretações possam ser construídas. Observa-se ainda que as mudanças históricas não prejudicam esse empreendimento intelectual e comunicativo, pelo contrário, por estar vinculada ao mundo da vida e a enunciados corporificados particulares, a *inventio* ressignificada suscita novos modos de sistematização das ideias, das percepções, dos valores e das emoções na produção discursiva e retórica.

O leitor que queira entender como a invenção propicia a geração de discursos retóricos diversificados tem neste livro uma obra que perpassa palavras, ideias, argumentos, histórias, estilos, comportamentos, emoções, entre outros materiais simbólicos, a fim de explorar o dinâmico fluxo da produção retórica.

Referências

- BARTHES, Roland. A Retórica Antiga. *In*: COHEN, Jean *et al.* **Pesquisas de Retórica**. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-221.
- BECKER, Samuel L. Rhetorical studies for the contemporary world. **Communication Studies**, v. 50, n. 1, p. 28-44, 1999. DOI: 10.1080/10510979909388469
- BITZER, Lloyd F. The Rhetorical Situation. **Philosophy and Rhetoric**, v. 1, p. 1-14, 1968.
- EHNINGER, Douglas. On Systems of Rhetoric. **Philosophy & Rhetoric**, v. 1, n. 3 p. 131-144, 1968.
- LAUER, Janice M. **Invention in rhetoric and composition**. Indiana, USA: Parlor Press, 2004.
- MEYER, Michel. As bases da retórica. Tradução: Fernando Martinho. *In*: CARRILHO, Manuel Maria, (org.), **Retórica e Comunicação**, Porto: Edições ASA, 1994. p. 31-70.
- MEYER, Michel. **Comment penser la réalité?** Paris : Presses Universitaires de France, 2005.
- MEYER, Michel. **Principia Rhetorica: una teoría general de la argumentación**. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.
- PLEBE, Armando. **Breve história da retórica antiga**. Tradução: Gilda N. Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978.
- PLEBE, Armando. **Manual de Retórica**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SIMONSON, Peter. Reinventing *Invention*, Again. **Rhetorica Society Quarterly**, v. 44, n. 4, p. 299-322, 2014.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.